

## Recensão de *Não me guardes no coração*, de José Leon Machado

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro  
www.anaramos.web.pt

A mais recente publicação de José Leon Machado, o romance *Não me guardes no coração*, apresenta-se como uma obra passível de diferentes leituras, algumas delas quase contraditórias entre si. A par da aparente linearidade (e até simplicidade) da intriga – que gira em torno das aventuras de férias de um jovem universitário português em França durante quase um mês – somos confrontados, de forma mais ou menos implícita, com um conjunto de questões que nos obrigam a reflectir sobre valores actuais e sobre diversos aspectos da contemporaneidade. Narrativa de viagens ou romance pícaro, a interpretação resulta da leitura linear ou metafórica que a intriga permite, sobretudo a partir da personagem principal, uma vez que esta encarna, simultaneamente, propriedades heróicas e disfóricas, como é o caso de um certo “donjuanismo” latente.

O romance, ao narrar o encontro de jovens oriundos de diferentes países, alguns da União Europeia, como é o caso de Portugal, da França e da Bélgica, mas também da Noruega, de Israel, da Turquia e da Argélia, permite dar conta de alguns estereótipos culturais, uma vez que, apesar de muito jovens, as personagens revelam inúmeros preconceitos em relação aos outros e face às diferenças existentes entre si.

Desta forma, torna-se evidente ao leitor a existência de uma tentativa de desmistificação das noções cultura e/ ou civilização ocidental e mesmo cultura europeia, já que o convívio assíduo entre as personagens acentua vivamente as diferenças e as incompatibilidades existentes. Assiste-se, pois, ao desfazer do mito do “encontro de culturas”, ao mesmo tempo que se realiza a revisitação – e conseqüente desconstrução – de uma imagem eufórica da França enquanto sociedade cultural, solidária e igualitária. De alguma forma, este país é caracterizado mais como “libertino” do que “liberal”, uma vez que, aparentemente pouco tolerantes em relação aos outros, sobretudo aos estrangeiros mais pobres e/ou menos evoluídos, os franceses se revelam exímios na manutenção das aparências de um comportamento público intocável, ainda que a vida privada seja pautada por outros valores.

A narração a partir do ponto de vista da personagem portuguesa – Filipe, portuense, estudante de Filosofia – oscilando entre a primeira e a terceira pessoas (que, inesperadamente, veiculam pontos de vista coincidentes e unívocos), permite, igualmente, a reflexão sobre algumas noções-chave ligadas à problemática da emigração portuguesa em França, nomeadamente os estereótipos que lhe estão associados desde há décadas e as imagens – reais ou imaginárias – que sobre ela têm sido construídas.

A dedicatória do romance a Onésimo Teotónio Almeida – escritor, professor e investigador de muitas destas questões, ainda que, principalmente, no contexto americano – surge, pois, como paratexto capaz de iluminar alguns pontos de leitura da obra. Assim, identidade e alteridade, auto e hetero-imagens são problematizadas em situações de quotidiano e de vivência diária das personagens, no seu relacionamento afectivo e/ou sexual, nos seus costumes, hábitos, valores e religiões.

Outro aspecto determinante para a imagem global que a leitura do romance permite construir tem a ver com o relevo ocupado pelas personagens masculinas. Parece-nos, deste modo, que a perspectiva adoptada é assumidamente masculina, não só pelo destaque que é dado a Filipe – (anti)herói do romance? – mas sobretudo pelo facto de a leitura dos acontecimentos e das personagens ser sempre realizada do ponto de vista do Homem. Atente-se, a reforçar esta ideia, na dissociação frequente entre amor e desejo; na avaliação das personagens femininas realizada quase exclusivamente do ponto de vista físico e sexual; na imagem negativa (às vezes mesmo preconceituosa) que é traçada das mulheres, apenas preocupadas com o aspecto físico, com as lojas e as compras.

Filipe, como outras personagens masculinas do romance, tem uma visão quase predatória das relações afectivas, que associa à imediatez e à satisfação de instintos. O seu “donjuanismo” incipiente, a inconstância dos seus afectos e a dificuldade em verbalizar sentimentos revelam-se permanentes e criam dele uma imagem perturbadora, uma vez que o seu comportamento é caracterizado por sucessivos avanços e recuos que não conduzem a lado algum.

Assim, a geração mais jovem parece também estar a falhar na perspectiva das relações entre homens e mulheres, como nas relações entre culturas, o que revela um pessimismo generalizado acerca dos mais jovens, dos seus valores e da sua visão do mundo, preconceituosa, elitista e materialista...

Aliás, Filipe encarna muitos outros dos complexos de inferioridade dos portugueses face aos outros países europeus em matéria de desenvolvimento económico, cultural e social. A referência obsessiva ao passado heróico do povo português, usada como arma de defesa pessoal para justificar acções individuais e colectivas, também legitima as dificuldades de integração e de aceitação da personagem principal, amiudamente rejeitado e marginalizado. O assumir desta “marginalidade” conduz Filipe a aproximar-se preferencialmente de outras personagens oriundas de zonas periféricas em relação ao centro da Europa, numa curiosa dialéctica de centro e margens que tem marcado, desde há muito, a cultura e a identidade portuguesas.

Apesar da formação universitária e de alguma – superficial – cultura literária e filosófica, Filipe revela alguma dificuldade em dissociar-se da imagem de geração “rasca” ou “à rasca” com que em Portugal ficaram conotados os jovens de finais da década de 90. Veja-se como o protagonista se revela particularmente atento a questões materiais e de *status* social e ao poder económico. É notória a forma como avalia os franceses que o recebem em termos de sinais

exteriores de riqueza, como é o caso das casas onde moram, dos locais que frequentam, dos cargos que ocupam e das viaturas que conduzem.

A sua relação com o universo feminino também se revela especialmente problemática, plena de incertezas e indecisões. Assim, e apesar de trazer na memória as recordações de uma relação conturbada – as imagens de Clara afluem de forma cíclica – envolve-se afectivamente com Aysun, a jovem turca. A relação de ambos vai crescendo à medida que o convívio os vai tornando mais próximos, não impedindo, contudo, o envolvimento físico com Bluma e, até, o quase sucumbir a Karoline.

A organização narrativa segue a sequencialidade temporal, conforme dão conta os títulos dos capítulos com a identificação dos dias do mês de Julho passados por Filipe em férias. A opção pela língua francesa encontra justificação na localização espacial da acção em França, no Bassin de Arcachon e nos arredores de Bordeaux.

As notações de tipo diarístico, como são os registos realizados em primeira pessoa, alternam com um discurso em terceira pessoa que, adoptando o ponto de vista de Filipe, centra nele a narração dos acontecimentos ocorridos naquele dia. São destacados de forma mais visível, como identificadores de um universo diferente com o qual a personagem contacta pela primeira vez, aspectos pormenorizados relativos à alimentação, às actividades desportivas e lúdicas e aos locais visitados, descritos exhaustivamente, com referências toponímicas precisas, como é o caso dos monumentos, das igrejas, dos jardins e parques, das ruas e das praias.

Sob a aparência de uma narrativa idílica e juvenil de uma aventura amorosa e com recurso a uma linguagem muitas vezes irónica e afectivamente distanciada, o romance traça uma imagem disfórica e desesperançada do comportamento juvenil, demasiado codificado, orientado por *clichés* e subjugado ao culto das aparências e ao imediatismo das sensações, das emoções e dos afectos.

O processo de crescimento e aprendizagem do protagonista não parece resultar das experiências realizadas nem da novidade do encontro com os outros e com a diferença, uma vez que o seu julgamento dos que o rodeiam é sempre feito em função do mesmo ponto de vista que não é alterado com a sua estadia e vivência em França.

Entre o diário e a crónica de viagens, o romance juvenil e o de aprendizagem, *Não me guardes no coração* é uma obra que estimula a reflexão sobre a identidade nacional e a tolerância e abertura face ao outro.

*Não me guardes no coração*, José Leon Machado, s/ local, Publicações Pena Perfeita, 2005